

6

Discurso e almoço com empresários brasileiros e espanhóis, por ocasião da visita ao Brasil do Rei Juan Carlos I, da Espanha

SÃO PAULO, SP, 12 DE JULHO DE 2000

Majestade; Senhor Vice-Governador Geraldo Alckmin; Senhoras e Senhores,

Quero expressar, de viva voz, a minha grande satisfação de estar aqui, neste almoço com o Rei Juan Carlos I, neste momento, que é de amizade. Amizade, permita-me Vossa Majestade, pessoal. Amizade entre nossos povos, de integração cada vez mais profunda dos interesses da Espanha com os do Brasil, dos interesses do Mercosul com os da União Européia.

Creio que, nesses últimos cinco anos – e as palavras do Rei foram bastante claras, nesse sentido – fizemos mais do que em toda a nossa História. Talvez só um pouquinho menos na época da junção das duas Coroas, em cujo caso Vossa Majestade seria Rei do Brasil. Um único momento, talvez, em que tivesse havido tanta proximidade foi nesse longínquo século XVI e que chegou até o século XVII. De lá para cá, tivemos sempre relações muito cordiais. O Brasil deve muito aos espanhóis.

Temos, aqui, 15 milhões de brasileiros que têm origem em famílias espanholas. Temos grande familiaridade com a cultura espanhola. Estamos empenhados, hoje – e eu, pessoalmente – em que o espanhol

volte a ser um idioma ensinado em nossas escolas, como era nos tempos em que eu estudava e, talvez, por isso, até hoje, eu possa falar alguma coisa em espanhol.

Mas o fato é que nunca houve uma proximidade tão grande, também, na área econômica e financeira. Os dados são, realmente, muito impressionantes, como foi dito pelo Rei Juan Carlos. Muito impressionantes. Havia no investimento espanhol no Brasil menos de 500 milhões de dólares há dez anos. Hoje, o estoque de investimento está chegando a 13 bilhões de dólares. Só no processo de privatização, foram 9 bilhões de dólares e é contínuo esse investimento. A Espanha apostou, sem dúvida, no Brasil. E isso para nós é muito significativo. E apostou, como disse o Rei, mesmo nos momentos em que até alguns brasileiros já não apostavam mais.

Quando alguns fraquejaram – eu não – mas quando alguns fraquejaram, e muitos até hoje fraquejam, quando alguns fraquejaram no fim de 98, começo de 99, não nos faltou a Espanha. Ela esteve presente, participou dos investimentos, deu palavras de confiança, foi capaz de se juntar, de se somar à voz de muitos outros países mais desenvolvidos que nos deram empréstimos ou puseram à nossa disposição 41 bilhões de dólares. É muito dinheiro, 41 bilhões de dólares.

Pois, hoje, o Brasil se orgulha de dizer que, destes, ele pagou todos os que foram dados pelos bancos centrais dos países amigos. E que o que temos em dívida é com os organismos multilaterais. Só não pagamos o Fundo Monetário porque não queremos, porque temos reservas de 30 bilhões e a nossa dívida é de 1 bilhão e pouco. E alguns ainda podem perguntar: por que não queremos? As palavras do Rei foram claras: porque é o atestado dado ao mundo de que o Brasil está aí com um programa, que é um programa sério, correto e que tem resultados. Não é por soberba que não pagamos. É porque, eu me recordo muito, quantas vezes conversei na Europa com o Presidente do Conselho de Governo da Espanha, José Maria Aznar, com o Primeiro-Ministro da Itália, naquela época era Romano Prodi. E a obsessão, na Europa então, era de fazer com que alguns dos países europeus que tinham problemas, como era o caso da Itália, naquele momento, se associassem a

Maastricht. E eu perguntava: “Mas por quê?” E um deles me disse: “Porque precisa ter uma regra que leve a todos com mais facilidade a compreender que o gasto público não pode ser tratado como se fosse infinito, porque quem paga é o povo”. Quando os governantes não têm consciência das suas responsabilidades e dizem sim a tudo, fazem populismo e, mais tarde, o país paga uma alta conta.

Maastricht representou para a Europa um marco de disciplina. Por isso, queremos um marco de disciplina. Esse marco de disciplina a que me referi, que foi o acordo com o Fundo, foi definido por nós para que pudéssemos reduzir a nossa dívida crescentemente, como estamos fazendo. E em breve, quando terminar o programa, ele continuará a existir sob uma forma de políticas macroeconômicas convergentes no plano do Mercosul, para que possamos ter sempre a necessidade e, mais do que a necessidade, o impulso de agirmos com responsabilidade e sempre prestando contas aos nossos companheiros de experiências do Mercosul.

Mais tarde, como já antecipou Sua Majestade, também, aqui, hoje, quando estivermos integrados por um acordo de livre comércio como a Europa – e eu espero que, na presidência espanhola que se dará novamente no ano 2002, antes mesmo de terminar o meu mandato – nós possamos concluir esse acordo de integração regional entre o Mercosul e a União Européia, para que mais tarde, também, os países europeus se juntem nesse esforço que hoje transcende as fronteiras nacionais. Mas, se há um esforço de disciplina, ele tem que ser – como também disse, muito bem, o Rei – um esforço que não pode se esgotar nele próprio. Só tem sentido na medida em que recupere, como nós estamos fazendo no Brasil, como a Espanha fez, como a Itália fez, como a França fez, a capacidade de investir o crescimento da nossa economia com seriedade e que possamos melhorar os salários, ampliar o acesso de emprego, melhorar as condições sociais, melhorar a educação, melhorar a saúde, dar mais acesso à terra e termos uma sociedade mais igualitária.

Não se faz isso do dia para noite, Majestade. A Espanha passou algumas décadas construindo o que é hoje. O Brasil, um pouco mais

atrasado, está no mesmo caminho. Construindo com seriedade e com consciência o seu caminho de crescimento, o seu caminho de transformações sociais, de ampliação da educação que temos feito como jamais se fez aqui no Brasil. Hoje, 96% das nossas crianças estão nas escolas. Como eu tenho dito freqüentemente, a explosão das matrículas foi tal – aqui está a secretária de Educação de São Paulo, que sabe melhor do que eu – que, hoje, os governos estaduais estão aflitos porque têm que criar escolas secundárias, sobretudo nas regiões mais pobres do Brasil. E nos próximos quatro anos, temos de um jeito ou de outro de criar 10 milhões de matrículas novas no ensino secundário para dar vazão, para absorver o impulso que vem do ensino primário.

Estamos, ao mesmo tempo, construindo as bases com grandes fundos de investimento na parte de ciência e tecnologia, sendo que o do petróleo já começa a funcionar e outros cinco mais funcionarão até o fim deste ano, para que possamos, realmente, entrar no século XXI no mesmo passo que a Europa está entrando, no mesmo esforço que a Espanha fez, tão vitoriosamente.

Mas tudo isso só podemos fazer contando com a cooperação, contando com a amizade. E a amizade da Espanha tem sido excepcional. Se hoje os nossos aviões da Embraer cortam os ares praticamente de todos os continentes; se hoje nós, brasileiros, nos orgulhamos de que nas nossas pautas de exportação os produtos primários já são minoria; e se nós já temos mais da metade em produtos manufaturados é porque tivemos a capacidade, também, de entender que, no mundo atual, não se cresce no isolamento, não se cresce com as barreiras de proteção. Cresce-se com a competência, com tecnologia, com taxa de juros mais baratas, criando-se condições macroeconômicas para que elas caiam. E me orgulho de dizer que, talvez pela primeira vez, desde a Constituição de 88, hoje aquilo que está dito na Constituição – e eu não votei por isso, porque achava que não devia estar lá – mas, de qualquer maneira, que está lá, que a taxa de juros real não pode exceder a 12%, pois a taxa de juros real do Selic hoje, no Brasil, do Banco do Estado, é 17%, menos seis da inflação, dá 11%. Começamos a ter taxa de inflação de juros real

dentro da Constituição. Ninguém nem percebeu. Porque ela não era respeitada.

Mas não é questão de estar ou não estar na Constituição. É o esforço para que possamos aumentar as condições de produção. E em cooperação, competindo também. Os nossos aviões, dizia eu, por causa dessa cooperação, voam com asas que são fabricadas na Espanha. Têm pedaços de seu trem de aterrissagem fabricados no Chile. E é assim que se cresce. É tendo competência, coragem, abrindo-se, tendo amizade, tendo seriedade, tendo a capacidade de dizer com clareza, um ao outro, o que se deseja e fazendo com que haja sempre um aumento de produtividade e que esse aumento de produtividade gere um bem-estar maior.

Exportamos, certamente, 2 bilhões e 700 milhões de dólares, no intercâmbio comercial entre o Brasil e a Espanha. Vamos dobrar isso, nos próximos cinco anos. Por que não? Nós podemos fazê-lo. Vamos fazê-lo. Com as dificuldades normais, mas vamos seguir nessa mesma política, em que a liberalização dos mercados é parte do aumento da produtividade e é, portanto, parte do aumento do bem-estar.

Esta noite, terei a satisfação de oferecer um jantar no Palácio da Alvorada ao novo Presidente do Chile, Ricardo Lagos, meu velho companheiro dos anos 60, quando vivia no exílio. Vamos retomar a discussão da ampliação e da “profundización del Mercosur”, porque ela é importante. Vamos fazer isso. Vamos fazer, com algumas incompreensões, porque não seria eu a pedir que o Chile aumentasse as suas tarifas externas para que eles possam ingressar no Mercosul. Serei eu a pedir aos nossos companheiros dos outros países, e aos nossos brasileiros, que entendam que as tarifas é que vão ter que baixar, para que encontremos um caminho de equilíbrio. Certamente não baixá-las de modo impensado, não baixá-las de modo a produzir desemprego, não baixá-las de modo a não tomar em consideração as peculiaridades de cada setor de produção.

Mas, certamente, baixá-las para podermos alcançar o ideal descrito pelo Rei da Espanha, que é o ideal de um mundo que seja cada vez mais favorável à liberalização comercial. E que, sendo favorável, per-

mita, também, que as nossas exportações entrem, como disse o Rei, na Europa, e entrem na América e entrem em toda parte. E, naturalmente, não podemos pedir a entrada sem, também, dar passagem. Como também não foi justo dar passagem sem ter antes pedido a entrada. Dessa vez, faremos com reciprocidade, faremos com consciência, para os nossos interesses recíprocos e, também, com consciência da nossa solidariedade, que é muito alta e que é, certamente, uma solidariedade também recíproca.

Majestade, Senhoras e Senhores. Não quero cansá-los. Sempre que converso sobre temas que são de interesse nacional, de relação bilateral, me entusiasmo. Tenho o pendor de um antigo professor, de falar, talvez, além do limite, nunca terminar a aula no fim do horário. Mas não farei isso com os Senhores e com as Senhoras hoje.

Quero, apenas, para terminar, expressar que a presença do Rei da Espanha entre nós, a presença do investimento espanhol aqui, a presença da cultura espanhola, o fato de que no Rio de Janeiro, hoje, nós estamos exibindo quadros de Velásquez e de outros grandes pintores espanhóis, o fato de que nós, realmente, hoje, temos essa relação tão próxima enche o nosso coração, paulista e brasileiro, de muita satisfação.

Fiz questão, sabendo que o Rei da Espanha estava em São Paulo, de vir correndo de Brasília a São Paulo. Desculpo-me, frente a Sua Majestade por ser tão depressa, mas eu não podia deixar de, mais uma vez, dar-lhe um abraço e pedir-lhe que beije as mãos da Rainha em meu nome. E trago, também, o afeto da Ruth porque, na verdade, nós nos sentimos, como brasileiros, muito felizes com a presença de Vossas Majestades aqui, que simbolizam não apenas isso que já é tão forte, dos investimentos, mas que simbolizam algo que é mais forte que o investimento, que é a continuidade da crença dos nossos povos, cada um em si mesmo e recíproca.

E a presença de Vossa Majestade aqui é, para nós, o coroamento desta amizade que, espero, será perene.